



Gênero, Discurso e Pesca Artesanal do Sertão de Pernambuco¹

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão²

Resumo

O artigo inclui o debate sobre gênero, pesca e o empoderamento das mulheres, mais precisamente a Articulação de Pescadoras de Pernambuco. Os dados foram coletados numa ação realizada em oficinas itinerantes, as quais percorreram cinco municípios do sertão do estado no período de 25 a 30 de janeiro de 2011. A invisibilidade das mulheres neste setor produtivo, os problemas ambientais, a pesca predatória, o aumento de pessoas na atividade extrativista e a inexistência de políticas públicas por mais de uma década contribuíram para o aumento da crise na pesca artesanal. A metodologia participativa possibilitou o diálogo entre teoria e prática. Os resultados chamam atenção sobre o discurso por elas construído sobre diversos aspectos do cotidiano laboral e principalmente sobre saúde ocupacional

Palavras-chave: Gênero; Pesca Artesanal; Saúde; Discurso; Sertão.

Introdução

Esta pesquisa se inclui nas atividades desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa CNPq - Desenvolvimento e Sociedade e também o Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - que realizaram nos últimos sete anos vários estudos focados na problematização sobre a invisibilidade da mulher no mundo do trabalho, especialmente no universo da pesca artesanal no Brasil. Desde 2006 a equipe de pesquisadoras/es dos projetos Conflito de Gênero no Cotidiano da Comunidade Costeira A Ver-o-Mar e Pescando Pescadores: Políticas Públicas e Extensão Pesqueira³, Gênero e Pesca: A Comissão Pastoral dos Pescadores e sua contribuição na trajetória do movimento de mulheres pescadoras⁴, priorizou entre seus objetivos contribuir no debate sobre gênero numa perspectiva da “feminização” da pobreza, especialmente nas relações de trabalho que envolvem a pesca artesanal no Brasil.

Nestas pesquisas considerou-se a participação legitimada da mulher na atividade da pesca artesanal, nas questões relacionadas à inclusão/exclusão das pescadoras no acesso e no exercício dos poderes institucionais relacionados à atividade pesqueira. Buscou-se observar o impacto das políticas públicas para o desenvolvimento da pesca artesanal e para as relações sociais de gênero, levando-se em conta: as condições de vida das pescadoras e dos pescadores; o acesso diferenciado às políticas e o espaço de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Dra. Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e-mail: rosario@dlch.ufrpe.br.

³ Projetos elaborados por professoras/es do POSMEX (Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco, contemplados em Editais CNPq. Pesquisas que contribuíram no fortalecimento do Grupo de Pesquisa - Desenvolvimento e Sociedade.

⁴ Aprovado no edital CNPq 20/2010



participação igualitária de mulheres e homens em todos os níveis dos processos de tomada de decisão no que se refere à pesca; as relações entre gênero e meio ambiente; gênero e extensão pesqueira.

1. Considerações Metodológicas

Antes de adentrar no tema em pauta se faz necessário explicar o recorte metodológico. Para isso considerou-se necessário realizar um breve resgate sobre a trajetória de uso e legitimação de métodos e técnicas de pesquisa em Ciências Sociais. Afinal o que se busca na escolha do método e na aplicação de seus instrumentos é possivelmente a denominada verdade científica, que legitima os modelos e as territorialidades de sujeitos e objetos na pesquisa. O debate crítico sobre verdade científica é muito bem explicitado por FOUCAULT quando afirma que: “pode sempre acontecer que se diga o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem ; mas não se está no verdadeiro sem que se obedeça às regras de uma ‘polícia’ discursiva que temos de reativar em cada um dos seus discursos” (1987:10).

Neste contexto, o processo de definição do método a ser aplicado nesta pesquisa considerou algumas questões cruciais: O que contribui para a gênese, legitimação e reprodução do discurso científico? O que garante a validação dos dados obtidos em métodos qualitativos e quantitativos? Neste debate, ainda estão muito presente questões que envolvem uma suposta parcialidade do/a pesquisador/a em relação ao objeto em estudo e também a pertinência ou não das formas de coleta de dados que diminui esta distância entre sujeitos – os que pesquisam e os que estão sendo pesquisados.

Ao longo das últimas décadas do século XX, autores como Foucault e Morin realizaram grandes contribuições relacionadas à elaboração metodológica ao questionarem as estruturas cristalizadas no fazer e no dizer científico. Consistem em teóricos que valorizam a proposição de que “cada caso é um caso”, proposição que elimina a possibilidade de um modelo fechado, extremamente delimitado e com aplicabilidade universal.

Nesta pesquisa utilizaram-se instrumentos de Metodologia Participativa, considerando que se priorizou a atuação efetiva das pescadoras num processo de troca de saberes e seus conhecimentos e experiências foram valorizados num processo que envolveu discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vivências cotidianas na pesca artesanal.

A construção do instrumental para coleta de dados fundamentados no aporte teórico de Metodologia Participativa foi desenvolvida em diversas fases nas quais foram elaboradas técnicas de dinâmica de grupo, jogos dramáticos e outras atividades, que objetivam, por meio de fantasia, diagnosticar situações reais.

A primeira fase consistiu em diálogo e em trocas de saberes entre a equipe do projeto. Ao final deste processo foi escolhida as referências⁵ que deram suporte à trajetória metodológica.

⁵ A) Facilitando oficinas da teoria à prática. Disponível em:

http://www.iteco.be/var/www/iteco/www.iteco.be/IMG/pdf/Facilitando_oficinas.pdf. Acesso em: 05/04/ 2010.

B) Aguilar, Lorena. Sobre marinos, marinas, mares y mareas: perspectiva de género en zonas marino-costeras / Lorena Aguilar, Itzá Castañeda.--1a. ed.-- San José, C.R. : UICN : ABSOLUTO, 2000.



A segunda fase de elaboração da metodologia a ser aplicada nas oficinas itinerantes consistiu numa reunião em Brasília durante os dias 6, 7 e 8 de maio de 2010, com docentes de universidades Federais de Pernambuco, Bahia, Santa Catarina e Pará, membros do Ministério da Pesca e Aquicultura, Ministério do Desenvolvimento Agrário e Secretaria de Política para Mulheres. Na ocasião, o grupo foi dividido em subgrupos para realizar as tarefas as quais consistiram em pensar questões e encaminhamentos metodológicos relacionados às atividades das pescadoras na pesca, saúde e alimentação. O resultado gerou as proposições metodológicas que foram aprofundadas e socializadas entre o grupo, por meio virtual, durante um mês após a realização do evento.

Posteriormente, em julho de 2010, foi aplicada em Pernambuco a oficina para realização do diagnóstico elaborada pelo grupo de pesquisa. Este evento ocorreu em um hotel, com a presença de 16 pescadoras durante 3 dias. (Anexo 1 - roteiro da oficina).

O trabalho de preparação para a oficina itinerante no sertão de Pernambuco foi iniciado nos dias 10 e 11 de dezembro de 2010, quando foi realizado um encontro com o grupo de articuladoras e equipe de pesquisa, para preparar e detalhar o roteiro e atividades a serem desenvolvidas, nesta ocasião ficou decidido que as Colônias de Pescadores/as a serem visitadas seriam: Ibimirim, Itacuruba, Jatobá, Santa Maria da Boa Vista e Pedrinhas.

Os dados utilizados neste artigo dialogam com os resultados obtidos nos últimos dois anos de atuação do grupo de pesquisa, 2008 – 2010. O estudo que gerou este texto focou as mulheres que se organizaram no movimento social Articulação das Mulheres Pescadoras de Pernambuco. Uma das representantes da Articulação é Joana Mousinho presidenta da colônia Z-10 em Itapissuma – PE⁶. Trata-se de uma líder que, apoiada e incentivada pelo Conselho dos Pescadores - CPP⁷, na década de setenta do século XX lutou e continua ativa na conquista e manutenção dos direitos laborais para homens e mulheres na cadeia produtiva da pesca artesanal.

2. Contextualização do problema de pesquisa

Pensar, refletir, debater sobre o lugar da mulher como sujeito social na pesca artesanal brasileira nos conduz a reflexões teóricas que dialoga com a imagem socialmente construída e a possibilidade de discurso legitimado numa sociedade que cristaliza as desigualdades sociais. Sobre o discurso e legitimidade, Foucault destaca que:

En toda sociedad la producción del discurso está a la vez controlada, seleccionada y redistribuida por cierto número de procedimientos, que tienen

C) Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário. Disponível em: http://www.ecoar.org.br/website/download/publicacoes/manual_de_metodologias_participativas_para_o_desenvolvimento_comunitario_VERS%C3%83OFINAL.pdf. Acesso em: 05/04/2010.

⁶ Itapissuma é um município localizado no litoral norte de Pernambuco, apresenta uma história de luta em favor das conquistas de direitos sociais e ambientais da pesca artesanal no Brasil.

⁷ A proposta da CPP era sensibilizar e mostrar que os/as pescadores/as tinham inteligência, pois pescavam, teciam as redes, vendiam os peixes, consertavam as baiteiras. Ela afirma que eles/elas Empoderados/as de seus direitos e deveres de cidadãos e pescadores - poderiam utilizar sua inteligência para a formação de uma sociedade mais justa. Os dados sobre a CPP em Itapissuma foram sistematizados a partir de relatórios cedidos pela religiosa irmã Maria Nilza de Miranda Montenegro, que elaborou um diário que hoje se constitui num diagnóstico: sócio-econômico, político, cultural, educacional e religioso, daquela sociedade.



por función conjurar los poderes y peligros, dominar el acontecimiento aleatorio y esquivar su pesada y temible materialidad (1987:11).

No diálogo com o autor acima citado, resgatamos a letra da música⁸, que se constitui em palavra de ordem no cotidiano de luta do movimento social Articulação das Pescadoras de Pernambuco e que atribui à mulher um espaço de poder, geralmente invisibilizado nas relações de gênero e trabalho na pesca artesanal brasileira:

Agora chegou a vez de mostrar mulher pescadora também chega lá.
Norte ao Sul do nosso país, estamos aqui, só porque Deus quis.
Mulher pescadora tem valor, e os nossos direitos não é um favor.

Para mudar a sociedade, do jeito que a gente quer
Participando sem medo de ser mulher.
Sem a mulher a pesca sai pela metade.
Participando sem medo de ser mulher
Buscamos junto direito de igualdade.
Participando sem medo de ser mulher
Pra preservar meio ambiente, do jeito que a gente quer.
Participando sem medo de ser mulher
Pra fazer a pesca boa, do jeito que a gente quer.
Participando sem medo de ser mulher.

Nesta música, cuja letra está adaptada, é relevante a concepção de que a pescadora conseguirá se projetar, que existe um valor, que a conquista dos direitos não é uma dádiva. O texto relaciona a mudança de acessibilidade das mulheres aos direitos sociais ao exercício da cidadania, à participação e à construção da igualdade de gênero.

A partir desta formação discursiva⁹ que inclui acessibilidade, cidadania, participação e igualdade de gênero nas relações de trabalho, se atribui uma nova posição à mulher numa conjuntura sócio-histórica dada. A pescadora marginalizada nas relações profissionais rompe com a marginalização em 2006 ao criar em Recife a Articulação Nacional das Pescadoras (ANP). Este marco no movimento de mulheres na pesca representa uma trajetória de luta iniciada em outros movimentos sociais, como por exemplo o *Movimento Nacional de Pescadores* (Monape), o qual também contribuiu para a construção do empoderamento das mulheres ao desenvolver algumas ações de

⁸ A letra da música cantada pelas pescadoras nos momentos de exaltação da luta das mulheres pelos direitos sociais inicia a partir de analogia a composição de Benito Di Paula *Mulher Brasileira*.

Agora chegou a vez, vou cantar
Mulher brasileira em primeiro lugar
Agora chegou a vez, vou cantar
Mulher brasileira em primeiro lugar
Norte a sul do meu Brasil
Caminha sambando quem não viu
Mulher de verdade, sim, senhor
Mulher brasileira é feita de amor

⁹ Para aprofundar o tema ver ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.



mobilização das pescadoras, tendo promovido uma primeira reunião de mulheres em 1994, em São Luís, capital do Maranhão¹⁰.

A fragilidade social das mulheres profissionais desta cadeia produtiva tem influenciado nas decisões das pescadoras em se organizarem em movimentos sociais de resistência contra o modelo vigente. O que representa uma mudança de paradigma em relação a imagem criada historicamente das pescadoras, que geralmente é compartilhada inclusive por elas mesmas, como “ajudantes” ou “dependentes, atribuindo-lhes menor valor, considerando que as atividades por elas realizadas se resumem na maioria das vezes em tecer redes, beneficiar pescado, catar mariscos, coletar e cultivar algas e pescar nos mangues. Assim, o movimento de pescadoras tenta romper com o espaço da mulher na pesca que ainda aponta para a invisibilidade e vulnerabilidade social.

Esses aspectos importantes na construção discursiva sobre o lugar da mulher na pesca artesanal se apresentam no diagnóstico e relatório das atividades relatadas no documento do Conselho os Pescadores CPP, elaborado pela religiosa conhecida por Irmã Nilza nos quase vinte anos de sua atuação neste município. O documento cedido para consulta retrata a situação de Itapissuma na chegada das religiosas a esta comunidade pesqueira em 1975.

3. Caracterização da área em estudo¹¹

O estado de Pernambuco possui um litoral de 187 km de extensão, onde estão localizados 15 municípios costeiros e 34 comunidades pesqueiras. Itapissuma está entre os três primeiros municípios fornecedores de peixes, mariscos e crustáceos do litoral pernambucano.

Itapissuma é uma das 12 cidades que fazem parte da região metropolitana do Recife (RMR), sua economia depende expressivamente da pesca artesanal. O turismo também é uma vertente importante da economia, devido aos rios, mar e manguezais que compõem o município. No que concerne aos eventos culturais, se destaca a tradicional Buscada de São Gonçalo do Amarante, que existe desde o século XIX, na qual centenas de embarcações tomam conta do canal de Santa Cruz para o cortejo religioso. As outras atividades do município são: agricultura, avicultura, pecuária, o funcionamento da fábrica Alcoa, do Frigorífico Malta, do Frigorífico Netuno, do Estaleiro Nave Sul, do comércio e prestação de serviços.

É do Canal de Santa Cruz que a maioria da população de Itapissuma, constituída por pescadores artesanais, retira seus sustentos na coleta de mariscos (ostras, unha de velho, sururu) e na pesca de siri e de várias espécies de peixes. As autoridades locais afirmam que aproximadamente 70% da população desenvolvem a pesca artesanal, o que resulta na grande oferta de frutos do mar.

¹⁰ MANESCK, M.C. e MIRANDA ÁLVES, M. L. Mulheres na pesca: trabalho e lutas por reconhecimento em diferentes contextos. Disponível em: http://coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=12:mulheres-na-pesca-trabalho-e-lutas-por-reconhecimento-em-diferentes-contextos&tmpl=component&print=1. Acesso em: 27/04/ 2011.

¹¹ Os dados desta caracterização foram cedidos por Gilmar Soares Furtado que os coletou na elaboração de sua dissertação.



É nessa localidade que está situada a colônia de pescadores São Pedro, fundada em 10 de novembro de 1927 e reestruturada em 02/09/1984. É uma entidade de classe, sem fins lucrativos, situada na Rua Dr. José Gonçalves, nº87, centro, Itapissuma-Pe, com 2000 sócios cadastrados. A presidência atual está com a pescadora Joana Mousinho.

Na história da CPP na Colônia Z-10, uma das conquistas das mulheres foi a indicação na eleição de 1989 de uma chapa para presidente da Colônia Z-10, em cuja presidência estava a pescadora Joana Rodrigues Mousinho. Ela saiu vitoriosa e pela primeira vez uma mulher tornou-se presidente de uma colônia de pescadores no Brasil. Joana foi reeleita até o ano de 2005, onde foi substituída de forma eletiva pela pescadora Mirian Mousinho da Paz. Recentemente, em dezembro de 2009, foi eleita mais uma vez e ocupa atualmente a posição de presidenta da Colônia de Pescadores de Itapissuma.

A situação do município no início dos trabalhos da Comissão Pastoral dos Pescadores em Itapissuma, quando irmã Nilza Montenegro chegou no local, é retratada em um diário que hoje se constitui num diagnóstico¹²: documento que, na concepção de frei Alfredo e da irmã Nilza, envolve suas impressões sobre os seguintes aspectos da sociedade citada: sócio-econômico, sócio-político, sócio-cultural, educacional e religioso. Eles iniciam caracterizando o município e sua população de pescadores e pescadoras: Itapissuma, distrito de Igarassú-PE, na época com 10.000 habitantes, dos quais aproximadamente 2.500 a 3.000 (homens, mulheres) viviam direta ou indiretamente da pesca. Frei Alfredo Schnettgen escreveu de forma sucinta um relatório sobre a vida e as atividades dos pescadores de Itapissuma. Segundo ele:

Os homens em canoas muito primitivas pescam peixe no canal de Santa Cruz que separa o continente da ilha de Itamaracá. Suas mulheres, filhas e irmãs passam os dias ‘atoladas’ no mangue, picadas por mosquitos tirando da lama pegajosa: sururus, ostras, mariscos, unha de velho, aratus, caranguejos e siris que são vendidos pelo preço estipulado pelos atravessadores. O transporte para o local de trabalho é feito em canoas ou a pé através da ponte que liga o continente à ilha de Itamaracá. Eu diria que, paralela à Sociedade terrestre, essas mulheres, moças e até crianças formam uma Sociedade ‘sui generis’, a “Sociedade dos mangues”, com sua vida própria de trabalho, de lutas, de esperanças, de louvor a Deus e até de piadas! É uma sociedade impressada, estrangulada entre as terras do continente e as águas abissais do oceano!

Esta narrativa destaca a legitimidade da construção social discursiva ao tratar as imagens que construímos cotidianamente e pensar como são geradas e reproduzidas historicamente na sociedade.

Os discursos aqui selecionados foram coletados no trajeto de atividades do projeto¹³ *Gênero, Raça e Pesca: Produção e articulação das pescadoras de Pernambuco*, que se constituiu num processo de pesquisa-ação ao serem definidos, em conjunto com líderes do movimento de mulheres em Pernambuco, o roteiro, as datas de realização das oficinas e os temas a serem abordados em cada município das áreas delimitadas. Os

¹² Vale ressaltar a observação que os autores destacam no documento: “Em virtude da escassez de dados pesquisados e não encontrados nas fontes oficiais, só podemos apresentar o que colhemos de nossa convivência com o povo”.

¹³ Objetivo do Projeto: possibilitar o fomento da organização produtiva e econômica na Articulação de Pescadoras de Pernambuco para a construção de processos de organização integrada e empoderada, de forma a potencializar as ações de desenvolvimento pesqueiro sustentável, a promoção de intercâmbios, difusão de experiências e apoio a iniciativas de integração social e econômica destas organizações, incluindo a comercialização.



resultados do planejamento foram acordados, no que se referiu às oficinas de Políticas Públicas para Mulheres na Pesca, realizadas nas Colônias de Pescadores/as dos seguintes municípios: Ibimirim, St^a Maria da Boa vista, Itacuruba, Jatobá, Pedrinhas. Foram percorridos no trajeto de ida e volta um total de 1904 quilômetros.

Em Ibimirim, uma líder do movimento de Articulação de Pescadoras de Pernambuco ressalta que:

Hoje, por exemplo, uma briga que já foi nossa. Recebíamos sempre sobra da agricultura desde os anos 70, da época da SUDEPE pra cá começou a fazer carteira, que para nós, do litoral também surgiu aos poucos essa história da SUDEPE lá nos anos 70 a73 de lá pra cá o que acontece? Algumas mulheres já fizeram a carteira de pescadora, aquela mulher que pescava e aquela mulher que confeccionava rede, ela irá receber um seguro defeso, que isso é uma briga que estamos correndo dentro do Ministério da Pesca para isso ficar liberado, agora quando fizerem a carteira se o presidente da colônia não colocar lá na ficha de sócio que você é uma pescadora equiparada¹⁴, se isso não tiver, você vai ter o direito sim de receber o defeso. Nós estamos brigando dentro do Ministério da Pesca para tirar isso e a maioria das colônias estão dando essa declaração pra vocês, pois, de alguma forma do jeito que eles param vocês param também, então vocês têm direito.

As palavras de Josefa incitam a seguinte pergunta: “a mulher tem que viver dentro do açude com o marido para ter direito ao seguro da pesca? Pois ela lava, ela tece e ela não pode viver todo o tempo sentada no banco de uma canoa”.

O diálogo continua e Josefa destaca que: “Nesse caso, se a mulher não pesca, você não tem direito não, a não ser que você estivesse pescando. Pois, para receber estamos numa briga para mulheres que trabalham confeccionando ou vendendo o pescando. Estamos numa briga para que todas venham garantir isso”.

Configura-se desta forma um debate que nos leva a pensar sobre as condições das pescadoras nas Colônias, em suas comunidades e no espaço que lhes atribui as instituições públicas, no que se refere aos direitos trabalhistas, previdenciários e da saúde laboral. Neste contexto, vale resgatar o que acontecia em Itapissuma na década de 1970.

4. CONDIÇÕES DE TRABALHO

Sobre as condições de trabalho das mulheres, na opinião da Irmã Nilza, viviam cansadas do trabalho árduo nas canoas, de carregar os balaios cheios de sururus e ostras e do beneficiamento que envolve as atividades de ferver e descascar, para posteriormente, serem vendidos pelo preço estipulado pelos atravessadores. Apesar deste quadro desolador, pintado pela religiosa, ela afirma de forma otimista que o trabalho iniciado em 1979, após cinco anos de luta, assumiu proporções jamais previstas.

Outro aspecto importante é a situação do/a pescador/a artesanal, naquele período próximo à década de 1980. Frei Alfredo afirma que poucos são possuidores de embarcações e instrumentos de pesca. A maioria dos barcos não são motorizados, as

¹⁴ Pescadora que não trabalha especificamente pescando no rio, no mar ou no açude, mas no beneficiamento do peixe, na manutenção dos instrumentos da pesca artesanal (por exemplo concertando a rede) e na venda do pescado.



embarcações predominantes são a velas e remo. Ele calculava que havia aproximadamente 800 canoas. Predomina até hoje a pesca artesanal e quase todos na época trabalhavam com a ajuda da família. Naquela época, a idade média dos pescadores era mais de 40 anos. No entanto, muitos jovens se dedicavam à pesca, inclusive garotos de 10, 11 anos. Alguns jovens pescavam e estudavam, porém o número de estudante era mínimo.

5.1. Ensino Noturno para pescadores e pescadoras em Itapissuma

Nas décadas de 1970 e 1980 se constata, na informação oral e escrita dos documentos, a dicotomia entre estudar e trabalhar, conforme citação da religiosa atuante em Itapissuma.

A leitura que mãe me ensinou era ir à maré todo o dia. Ou ia pro mato pra tirar a fibra da macaibeira, que dá um fio pra fazer rede de pescar. A gente vendia. A educação era pra não pegar no que era alheio. Entrar na casa de uma pessoa, mesmo que visse ouro em pó, não bulir.” Pescadora Maria José” (documentos CPP:56)

O contexto social que define o/a pescador/a excluído/a do modelo educacional não impede que algumas ações sejam realizadas na direção de alfabetização deste grupo social. Assim, em 1983, a comunidade de pescadores artesanais de Itapissuma conseguiu, juntamente com a prefeitura, uma professora para alfabetização dos pescadores e pescadoras e de seus filhos que tivessem mais de 15 anos. As aulas foram ministradas durante um ano, mais uma vez, na sede da Colônia, com a frequência de 35 alunos. Posteriormente, a atividade foi transferida para o salão de um grupo escolar cuja localização era mais próxima às residências dos pescadores.

O trabalho da CPP continuou até 1995, sem grandes avanços na área educacional. A atuação da CPP na localidade de Itapissuma perdeu força quando a irmã Nilza foi transferida para João Pessoa, onde assumiu a direção de umas das escolas da Congregação.

5. Gênero e Trabalho na Pesca Artesanal em Pernambuco

Dados obtidos em entrevistas com homens e mulheres de Itapissuma caracterizam alguns aspectos naturalizados nas relações de gênero na atividade produtiva da pesca, obtidos em oficinas de diagnóstico participativo em ações do projeto "Ações para Consolidar a Transversalidade de Gênero nas Políticas Públicas para a Pesca e Aquicultura do MPA¹⁵"

As mulheres pescadoras relataram como é sua rotina diária e afirmaram que levantam bem cedo, em média entre 3h00 da madrugada e 6h00 da manhã. Nas suas narrativas se destacam as seguintes atividades: despertar e agradecer a Deus; acordar as crianças; fazer o café; caminhar; cuidar da sogra; levar as crianças para a escola/creche; fazer o almoço ou comer na casa da mãe; descascar e vender mariscos; lavar roupa; limpar a casa e buscar as crianças na escola; lavar louças, ensinar tarefas dos/as filhos/as,

¹⁵ FADURPE - Convênio MPA/078/2009.



preparar jantar; assistir às novelas e freqüentar algum curso à noite quando possível. Também foi relatada a dificuldade em estudar pela impossibilidade de deixar os/as filhos/as sozinhos/as. Além das atividades relacionadas à pesca e as atividades domésticas, elas relataram que comercializam diferentes produtos. Uma rotina de trabalho estafante e com um dado diferenciador em relação às outras atividades produtivas: todas as atividades por elas desenvolvidas estão em consonância com o horário da maré. Todas afirmaram que apesar de despertar tão cedo não descansam durante a tarde.

6. Diagnóstico da Pesca.

As questões levantadas foram: o nome da pescadora; se pratica pesca ou coleta; as espécies de mariscos; as espécies de peixes; a quem vende ou troca; quem controla o dinheiro da comercialização do resultado da pesca; em que essa renda é aplicada; como é o acesso a área de pesca/coleta e quais as dificuldades que enfrentam para a prática diária da atividade pesqueira. As pescadoras da Colônia Z-10 em Itapissuma pescam e coletam. As espécies de peixes envolvidos no trabalho são: Manjuba, saúna, tainha, camarão, sardinha, carapicu, carapeba, raia, bagre, camurim, mororó, sôia, moréia, aniquim. As espécies de Mariscos são: sururu, ostra, marisco pedra, taioba, unha de veio, siri duro e mole, redondo.

As pescadoras vendem ou trocam¹⁶ direto ao consumidor, ao atravessador e o que rende, em termos econômicos, divide com os adolescentes que as ajudam na pesca. A renda semanal é de 40 a 150 reais. No entanto, existe uma grande diferença no inverno e no verão. Por exemplo, a pescadora Laudeni afirmou que sua renda da pesca no verão chega a quatro vezes mais que a do inverno. Elas afirmaram que controlam seus próprios recursos econômicos. Além da renda advinda da pesca e de outras atividades, algumas remunerações estão relacionadas aos programas assistencialistas, como o bolsa família, com valores variando entre R\$ 68.00, R\$ 80.00, R\$ 96.00, R\$ 112,00 e R\$ 127.00, e frente de serviços¹⁷ da Prefeitura.

Quanto ao acesso à área da pesca em Itapissuma, o percurso é denominado por elas de fácil, porém perigoso. Entre as dificuldades elencadas estão: a falta de recursos para a manutenção das redes, embarcações e barcos; algumas mulheres não possuem canoas e pescam todo o tempo dentro d'água em contato com água-viva, bactérias, sujeitas a furadas de peixes, como por exemplo, o aniquim; muitas vezes falta a isca para pescar; necessitam dividir espaço de trabalho com usuários de droga; no inverno a renda cai por causa da escassez do produto e também dos consumidores; por fim, a violência em seus diversos aspectos.

A comercialização do produto da pesca é realizada de forma diversificada: ao atravessador e diretamente ao consumidor, esta última modalidade pode ser em duas formas - fresco ou beneficiado (cozido, temperado) e vendido nas praias nos finais de semana aos banhistas. Elas apresentaram grande dificuldade em mensurar o valor do produto pesqueiro, mas são conscientes de que vendem por preço inferior ao valor por

¹⁶ Esta troca pode ser realizada por lenha, por sal, ingredientes que serão úteis para a venda final do produto quando beneficiado, ou para o próprio consumo.

¹⁷ Trabalhos emergenciais contratados pela prefeitura.



elas considerado justo, no entanto não conseguem explicitar ao número de perdas econômicas ao qual estão sujeitas.

7. Considerações finais

Nos relatos que envolveram as mulheres engajadas na luta pelo acesso aos direitos sociais das pescadoras, estão presentes alguns argumentos:

- 7.1 Acessibilidade às informações e aos Direitos Sociais que envolvem RPG, aposentadoria e seguro desemprego;
- 7.2 Reconhecimento pelo Ministério do Trabalho das doenças provocadas pela atividade da pesca, que consiste na coleta do marisco, em consertar redes etc
- 7.3 Serem respeitadas pela atividade que exercem.

As representações definem um quadro de referência comum, possibilita a percepção da identidade que colabora na construção de pertencimento ou não a determinados grupos, no caso as mulheres pescadoras e a consciência dos direitos sociais referentes à cadeia produtiva na qual estão inseridas. Cada grupo é identificado por comportamentos e práticas sociais, assim define o que é possível, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social que está bem evidenciado na fala da Articuladora Irmã das Neves em Santa Maria da Boa Vista:

E aí estou, companheiras, como mulher trabalhadora da pesca, pescadora de verdade, estou me doando na luta, junto com nosso grupo, e já faz tempo que a gente faz isso, não estamos aqui ganhando salário, não estamos aqui para nos aparecermos com isso porque é bonito, nós estamos aqui para juntas, nós construímos o Brasil que nós queremos, (para) construímos o respeito das mulheres pescadoras conjuntamente porque nós queremos. E não é fácil!

Nesta construção de pertencimento, as mulheres criticam a postura do Ministério do Trabalho, da categoria profissional pescadora. Esse não reconhecimento gera preconceito, discriminação e as distanciam do exercício da cidadania. Elas sentem necessidade de políticas públicas que as contemplem de forma específica e também sentem falta do acesso a Equipamentos de Proteção Individual (EPI's) necessários à atividade da mariscagem.

Concluimos com uma indagação: Quais são as outras alternativas de acesso aos direitos sociais às pescadoras? Talvez uma das respostas esteja na ampliação dos direitos às trabalhadoras da pesca que estão em terra nos benefícios definidos na Convenção do Trabalho na Pesca, 2007. Até o momento a orientação contida no texto da citada Convenção é que estes direitos não são aplicáveis aos/as trabalhadores/as que não atuam em alto mar, tal como mergulhadores/as, marisqueiros/as, pescadores/as de rede de arrasto, colhedores de alga marítima, como também ao trabalho relacionado com pesca, particularmente executado por mulheres, com o fim de garantir que todos/as se beneficiem da Convenção. Entre as garantias sociais estipuladas estão: (i) trabalho arriscado (como mergulho, arrasto na praia nas áreas costeiras áspers, ou colheita de mariscos em zonas de maré turbulenta); (ii) condições de serviço (tais como contrato de trabalho, horas de descanso e modo de pagamento); (iii) seguridade no trabalho e



cuidado de saúde; (iv) cuidado médico e segurança social. Todas estas medidas podem melhorar as condições de trabalho e de vida dos pescadores baseados na terra firme.

Em todos os cinco municípios do Sertão onde foram realizadas as oficinas sobre políticas públicas, as mulheres expressaram muitos questionamentos operacionais, o que evidencia um grande desconhecimento sobre os temas que envolvem o acesso aos benefícios da Previdência Social, ao RPG e ao seguro defeso.

Em síntese, alguns dos problemas comuns a todas as colônias visitadas:

-
1. O desconhecimento dos direitos e deveres das mulheres que exercem a pesca artesanal;
 2. Dúvidas quanto aos procedimentos para formação de cooperativas;
 3. A presença forte dos problemas ambientais e as repercussões desta contaminação na saúde da população. Problemas relacionados à falta de saneamento básico, pouco acesso à água potável, à coleta de lixo não sistemática, à prática da pesca predatória, à contaminação dos rios e açudes e mais susceptibilidade de contrair a Dengue.
 4. O acesso à carteira de pesca por pessoas que não exercem a pesca artesanal.
 5. As barreiras impostas aos pescadores e às pescadoras pelas instituições sociais e seus agentes, dificultando o acesso daqueles (as) aos benefícios e às políticas públicas de classe e de gênero.
-

O texto finaliza com a letra da música PRESERVANDO A VIDA, elaborada na Oficina sobre meio ambiente na Colônia de Pescadores Z – 13, Jatobá, em 27 de janeiro 2011. Compositoras: Irmã das Neves, Glorinha, Ana Lúcia e Carminha

Os rios com água
Eu preciso
Seu doutor
Não privatize
Não mate os peixes
Não sobrevivo
Sou pescador

É preciso apelar para a consciência
Muitas coisas tão fazendo para existência
E permanência de peixes, rios e lagos
Parte do mar já foi privatizado
Lutamos contra.
É violência, está errado.

Lutamos contra o desenvolvimento insustentável
Que mata os peixes e privatiza os nossos lagos.
É o velho Chico está sendo violado.

Nós não queremos
Má ele está sendo rasgado
O que queremos é nosso rio preservado
Viva a vida e o meio ambiente!



REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CANADENSE DE DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL. Facilitando oficinas da teoria à prática. Elaboração Janet Honsberger e Linda George. Disponível em: http://www.iteco.be/var/www/iteco/www.iteco.be/IMG/pdf/Facilitando_oficinas.pdf. Acesso em: 05/04/ 2010.

AGÊNCIA CANADENSE DE DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL. Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário. Elaboração Bacias Irmãs, ECOAR, York University, USP. Disponível em: http://www.ecoar.org.br/website/download/publicacoes/manual_de_metodologias_participativas_para_o_desenvolvimento_comunitario_VERS%C3%83OFINAL.pdf. Acesso em: 05/04/ 2010.

AGUILAR, L. *Sobre marinos, marinas, mares y mareas: perspectiva de género en zonas marino-costeras*. 1ª ed. San José. C.R. : UICN : ABSOLUTO, 2000.

CONSELHO PASTORAL DOS PESCADORES. *Diário de trabalho sistematizado pela religiosa Nilza de Miranda Montenegro*.

DIEGUES, A. C. Santa'Ana. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Editora Ática, 1983.

FOUCAULT, Michel. *El orden del discurso*. 3ª Edição. Barcelona: Tusquets, 1987.

LEITÃO, M. do R. de F. A. Pesca & gênero: o papel das mulheres no desenvolvimento local. *Labrys. Estudos Feministas (Online)*, v. 13, p. 1-12, 2008.

_____. *Gênero: el papel de la mujer en el desarrollo*. 1. ed. Recife: FASA, 2009. v. 1.

_____. Gênero e Políticas Públicas na pesca artesanal em Itapissuma. In: FERNANDES, Angelo Bras Callou; TAUK, Maria Sallet (orgs.). *Comunicação, gênero e Cultura em Comunidades pesqueiras tradicionais*. Recife: FASA, 2009, v. 1, p. 161-174.

_____. A Ver-o-Mar, a construção do diálogo entre universidade e sociedade. In: LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade (org.). *Extensão Rural & Extensão pesqueira: Experiências Cruzadas*. 1 ed. : FASA, 2008, v. 1, p. 105-112.

_____. *30 anos de Registro Geral da Pesca para Mulheres*. 1. ed. Recife: FASA, 2010. v. 1.

PREFEITURA DO JABOATÃO DOS GUARARAPES/SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. *Mulher e Poder*. LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade (org). Pernambuco: 2010. 32p. (no prelo)

MANESCK, M.C.; MIRANDA ÁLVES, M. L. *Mulheres na pesca: trabalho e lutas por reconhecimento em diferentes contextos*. Disponível em: http://coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=12:mulheres-na-pesca-trabalho-e-lutas-por-reconhecimento-em-diferentes-contextos&tmpl=component&print=1. Acesso em: 27/04/ 2011.

MORIN, E. *O Método 4*. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

SÁ, R. S. *A arqueologia: como os saberes aparecem e se transformam*. Disponível em:
<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art11.pdf>. Acesso em: 02/05/ 2011.

